

**SOCIEDADE DE ENSINO SUPERIOR AMADEUS - SESA
FACULDADE AMADEUS - FAMA
CURSO DE PEDAGOGIA**

LEONARDO XAVIER ARAUJO

**A IMPORTANCIA DA REGIONALIZAÇÃO PARA A CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE DA CRIANÇA**

**Aracaju SE
2019.2**

LEONARDO XAVIER ARAUJO

**A IMPORTANCIA DA REGIONALIZAÇÃO PARA A CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE DA CRIANÇA**

Artigo científico apresentado à Faculdade Amadeus como trabalho parcial de conclusão de curso e requisito básico para obtenção do Grau de Licenciado Plena em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria
Auxiliadora Santos

Ficha Catalográfica

A663a ARAÚJO, Leonardo Xavier
A importância da regionalização para a construção da identidade
da criança / Leonardo Xavier Araújo. – Aracaju, 2019.

28f.

Orientador: Prof.^a Dra. Maria Auxiliadora Santos.
Artigo (Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia) –
Faculdade Fama, 2019.

1. Pedagogia 2. Ensino regional 3. Identidade
I – SANTOS, Maria Auxiliadora (orient.) II - Título

CDU: 37 (045)

A IMPORTANCIA DA REGIONALIZAÇÃO PARA A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA CRIANÇA

Artigo científico apresentado à Sociedade de Ensino Superior Amadeus, como requisito final para obtenção do Grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Coordenador (a) do Curso

Orientador (a)

Avaliador (a)

Avaliação Final: 10,0

Aprovado em: Aracaju 22/11/19

IMPORTANCIA DA REGIONALIZAÇÃO PARA A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA CRIANÇA

Leonardo Xavier Araujo¹

Resumo

Este artigo tem por finalidade analisar os atributos trazidos pela educação regional para a construção da identidade da criança no ensino Fundamental I. Para tanto a busca dessas informações foi feita com os objetivos de compreender como o ambiente local ajuda na construção do eu, desenvolver a identidade cultural e regional e valorizar a aula passeio como um conhecimento abstrato da realidade. Para tanto a pesquisa teve fundamentação em: Freitas (2009), Vygotsky (1989), Lüdke (2012), Tripp (2005), Deheinzelin (1994), Santos (2008). A questão para realização de trabalho foi: Quais os atributos trazidos pela educação regional para a construção da identidade da criança? Foi uma pesquisa qualitativa com a abordagem de pesquisa-ação, pois, segundo Tripp (2005, p.446), para que um problema seja resolvido antes ele deve ser conhecido, em seguida a sua solução deve ser planejada e ao final observar a sua eficácia. Com isso, tais promoções se deram por meio da apresentação da história regional bem como a visita a área de remanescentes mangabeiras no bairro Aruanda, em Aracaju, Sergipe, a fim de mostrar a árvore símbolo do estado de Sergipe que é a mangabeira. Essas práticas mostraram que o ensino regional desenvolve e ajuda na construção da identidade da criança, e também o quão pouco esse assunto é trabalhado nas escolas.

Palavras-chave: Ensino regional. Identidade. Pesquisa-ação.

Abstract

The purpose of this article is to analyze the attributes brought by the regional education for the construction of the identity of the child in the elementary school. For this the search of this information was made with the objectives of understanding how the local environment helps in the construction of the self, to develop the identity. cultural and regional and value the class ride as an abstract knowledge of reality. Therefore, the research was based on: Freitas (2009), Vygotsky (1989), Lüdke (2012), Tripp (2005), Deheinzelin (1994), Santos (2008). The question to do the work was: What are the attributes brought by the regional education for the construction of the child's identity? It was a qualitative research with the action research approach, because, according to Tripp (2005, p.446), in order for a problem to be solved before it must be known, then its solution must be planned and finally observed efficiency. Thus, these promotions were made through the presentation of the regional history as well as the visit to the area of remnant mangabeiras in the Aruanda neighborhood of Aracaju, Sergipe in order to show the tree symbol of the state of Sergipe that is the mangabeira. These practices have shown that regional education develops and helps in building the identity of the child, as well as how little this subject is addressed in schools.

Keywords: Regional Education. Identity. Action research.

¹ Aluno de graduação em Pedagogia pela Faculdade Amadeus (FAMA) leoxbatera@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda o tema: Contribuições do ensino regional para a construção da identidade de crianças no Ensino Fundamental I, e foi desenvolvido a partir de três projetos realizados ao longo do curso de Pedagogia da Faculdade Amadeus, que trabalhavam temas culturais, socioculturais e locais e que chamaram a atenção para a importância dos mesmos.

A escolha do tema se deu a partir da aplicação de projetos, que denominarei fases, realizados por meio da pesquisa-ação. À cada fase foi nascendo em mim a necessidade de entender a importância de trabalhar com o ensino regional, pois nas três fases foram tratados temas, que remetem a realidade do aluno, sendo à nível estadual, e ao decorrer das fases, no meio em que eles estão inseridos. Neste sentido, ao escolher o tema do trabalho de conclusão do curso, resolvi investigar as contribuições do ensino regional para a construção da identidade de crianças, no Ensino Fundamental I

Tal tema justifica-se pela importância de, antes mesmo de falar de algo que não é da realidade do aluno, primeiro trabalhar tudo aquilo que está ao seu redor, trazendo inicialmente uma base para que o aluno se conheça e crie a sua identidade regional, para, depois, ir trabalhar outras culturas e estilos de vida. Para a construção dessa identidade regional é necessário que o aluno se envolva, conheça, interaja e investigue o meio em que vive, para que se sinta parte do mesmo, construindo sentidos sobre si, a natureza e a sociedade.

As questões para a realização desse trabalho foram as seguintes: Quais os atributos trazidos pela educação regional para a construção da identidade da criança? A aula passeio em sua região pode servir para construção da identidade? De que forma conhecer a história local pode servir como base para a construção da identidade? Com isso, o presente artigo tem como objetivos: Analisar a importância do ensino regional para a construção da identidade da criança; compreender como o ambiente local ajuda na construção do eu; desenvolver a identidade cultural e regional; valorizar a aula passeio como um conhecimento abstrato da realidade.

De acordo com o paradigma de pesquisa qualitativa com procedimento na pesquisa-ação, a pesquisa visa se aprofundar em temas já trabalhados nas pesquisas anteriores ao longo do curso, e tem apoio em autores como: Freitas (2009), Vygotsky (1989), Lüdke (2012), Tripp (2005), Deheinzelin (1994).

O trabalho foi realizado em uma escola estadual de Aracaju, capital do estado de Sergipe, com crianças do quarto ano do Ensino Fundamental menor, na faixa etária de 9 a 11 anos de idade e os instrumentos foram: entrevista e uma intervenção pedagógica. Tal intervenção foi composta por atividades como: aula expositiva, aula dialogada, aula passeio, contação de histórias e construção de relatórios.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Na construção da identidade da criança o ensino regional é indispensável, e é a partir dele que podemos construir a nossa identidade nacional e respeitar a diversidade de identidades no mundo. Segundo afirmações de Barreto (2009, p.13), a construção da identidade mundial ainda é algo distante por diversos fatores como história, passado, realidade e cultura diferentes, as pessoas não conseguem entrar em um consenso acerca desses fatos.

Carretero (2010, p.23-49), complementa ao afirmar que identidade é o que faz o sujeito se sentir pertencente de um grupo, com características culturais idênticas as suas, esta identidade é construída a partir dos traços que os antepassados trazem das suas vivências ao longo do tempo, pela cultura que é peculiar a cada comunidade e que aprendemos desde quando nascemos, seja passada em uma linguagem informal, linguagem formal e até mesmo visual pelas paisagens que nos cerca, que também foram modificadas pelos sujeitos históricos,

Santos (2008, p. 67,68), afirma que a paisagem é algo que pode ser observado de um determinado lugar, uma interação entre pessoa e meio, que também pode ser ouvida e sentida. Sendo assim, a construção da identidade mundial se torna quase que impossível de ser construída, pois para que houvesse sucesso todos estes fatores citados deveriam ser comuns a todos, que é o que acontece nos países, onde, segundo Barreto:

[...] A identidade nacional por tanto se concretiza a partir de realidade, história, passado e cultura comuns, no entanto essa identidade depende prioritariamente da identidade regional, pois o indivíduo precisa se identificar primeiro como pertencente de um grupo que fez parte da história e da cultura nacional e que tiveram passados que estavam diretas ou indiretamente ligados na construção dessa nacionalidade. (BARRETO, 2009, p. 12)

Tudo isso mostra a importância do ensino regional para a construção da identidade da criança, é uma questão de se reconhecer como parte do meio. Nos livros didáticos disponíveis nas escolas existem conteúdos que mostram o passado e a história das regiões que foram importantes para a construção da nação. No entanto, de acordo com Freitas (2009), a questão da desvalorização de algumas regiões nos livros didáticos é eminente, com isso muitos professores se prendem a algumas regiões e esquecem daquela em que os seus alunos estão inseridos.

Por isso, ainda é evidente que os nossos livros didáticos deixam a desejar acerca da história e cultura de cada região, se o professor em suas práticas ficar preso somente aos livros ou a sala, o aluno perde, não constrói a sua identidade regional, que conseqüentemente, também fez parte da construção da identidade e da cultura nacional, ricas de informações, e podem ser vistas no dia a dia, pois o aluno para Brasil, se torna o:

[...] Sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2010, p. 12).

Tudo o que está ao redor do aluno vai servir para a construção da identidade, desde a paisagem que ao longo do tempo foi alterada pelo homem em suas interações com o meio, até as brincadeiras culturais que foram criadas e trazidas ao longo do tempo pelos seus ancestrais.

Assim como no passado, seus pais e todos os que construíram a comunidade também puderam produzir cultura e hoje são sujeitos históricos, os alunos também irão se tornar sujeitos históricos no futuro, levando a identidade que construíram através de sua interação com o meio, conhecendo a sua história, criando cultura e a modificando ao longo do tempo. A exemplo disso é a ideia de Sergipanidade, a construção da identidade sergipana, que como afirma Cerqueira (2012), na busca da liberdade política do estado da Bahia os sergipanos no final do século XIX começaram a ter a necessidade de construir a sua própria identidade, pois buscavam um lugar na história nacional que até então não tinham por fazerem parte da Bahia. Então começaram a buscar o seu passado através de pesquisas, para identificar, assim as suas peculiaridades, fazendo com que as pessoas pudessem se identificar como verdadeiros sergipanos devido as sua história, cultura e crenças em comum.

Neste mesmo século, o escritor Felisbello Freire escreve sobre a história de Sergipe aumentando ainda mais o interesse na construção da identidade sergipana e também na busca pelos limites de territórios tomados pelo estado de Alagoas e a maior parte pela Bahia. No entanto a busca por essa Sergipanidade tinha um interesse verdadeiro por parte da elite, que tinham interesse em ter o seu espaço nacional, mas que era dito como um interesse de toda população na busca da identidade sergipana.

Esse conhecimento não deixa de fazer parte da identidade do aluno, e essas experiências podem ser proporcionadas através de uma aula passeio, que tendo intencionalidade pode fazer o aluno experimentar e vivenciar momentos que uma aula tradicional não pode trazer. De acordo com Elias (1996), analisando a pedagogia Freinet, a aula passeio antes de ser realizada deve ser preparada, para que a mesma seja aproveitada pelos alunos, pois a aula passeio é um espaço de descobertas.

O espaço seria um conjunto de objetos e de relações que se realizam sobre estes objetos, não entre eles especificamente, mas para as quais eles servem de intermediários. Os objetos ajudam a concretizar uma série de relações. O espaço é resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais. (SANTOS, 2008, p.8)

Não adianta levar o aluno para uma aula passeio só por levar, ou só para ser algo diferente, o professor em seu planejamento deve explicar aquilo que deseja alcançar, por isso tudo deve ser planejado com uma intencionalidade.

Ainda sobre a pedagogia de Freinet, Elias (1996), alerta sobre o quanto a aula passeio pode ser prolongada, fazendo com que o aluno se aprofunde no assunto, pedindo para que sejam feitos relatórios, e até mesmo desenhos, inserir matérias distintas no mesmo tema, isso torna o aluno construtor do conhecimento. Essas práticas são formas de instigar o aluno a pensar, e também de avaliar a qualidade e o que falta ainda de conhecimento a ser adquirido pelo aluno.

Para complementar essa ideia da importância do meio em que vivem na construção da identidade da criança Vygotsky (1989, p. 23), afirma que “a criança em fase de desenvolvimento busca respostas para a solução de problemas a partir da interação social e da interação com o meio, essa junção ajuda na construção da sua própria resposta e é desenvolvida a modo que os conhecimentos são adquiridos”.

Ou seja, nesse processo de descobertas, desenvolvimento e construção da sua identidade a criança tem como base o meio em que vive e as pessoas que o rodeiam, dessa forma podemos evidenciar não só a importância da aula passeio, mas também toda e qualquer interação com o meio e com as pessoas. Essa interação com o meio pode ser feita a partir de disciplinas da área de ciências naturais.

E tendo como uma base histórica os PCN's de Ciências naturais (BRASIL, 1997a), fala que o ensino de ciências torna o aluno parte do universo, facilitando a compreensão do mundo e todas as suas transformações. Neste sentido de acordo com os PCN's de Geografia (BRASIL, 1997b, p. 51, 52), o meio ambiente e suas transformações são um retrato do passado e da cultura da região, e foi nesse lugar que a identidade de cada povo foi construída, produzindo cultura e história ao longo dos anos. Portanto, levar os alunos ao campo é, por muitas vezes, voltar ao passado a partir do presente, mostrar o que temos hoje e dizer como era antes, é construir a sua identidade por meio da regionalização.

3 METODOLOGIA

3.1 Pesquisa Qualitativa

Foi uma pesquisa qualitativa de acordo com o método da pesquisa-ação, que visa entender o processo a partir da realidade, tendo como base um ambiente natural. Segundo Triviños (2013, p.121), a pesquisa qualitativa visa a interação com o objeto de estudo, a fim de buscar respostas que não são pré-estabelecidas ou previstas como no positivismo, pois elas terão que ser interpretadas pelo investigador para que tenham um sentido lógico. Dessa forma, o investigador e objeto de estudo juntam suas interpretações de mundo para chegar a uma resposta. Vale salientar que o pesquisador não deve deixar que suas próprias concepções interfiram na busca e conclusão dos resultados.

3.2 A pesquisa-ação como fonte de conhecimento construtivo.

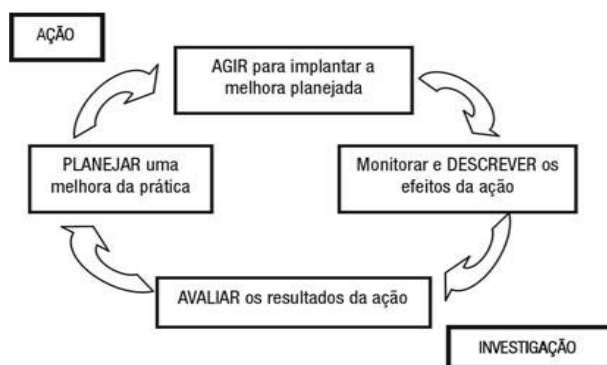
Na pesquisa-ação, o sujeito social e pesquisador buscam a resolução de um problema levantado a partir da realidade desse sujeito, desse modo ambos se tornam construtores desses conhecimentos juntos. “Se alguém opta por trabalhar

com pesquisa-ação, por certo tem a convicção de que pesquisa e ação podem e devem caminhar juntas quando se pretende a transformação da prática.” (FRANCO, 2005 p. 485). A pesquisa-ação deixa o pesquisador mais livre para interagir com o objeto de estudo e assim construir seus resultados, e a partir destes buscar melhorar suas práticas. Sobre essa questão Lüdke (2012) argumenta:

Elliott insiste na importância da aproximação entre a contribuição da pesquisa e os problemas vividos pelo professor em seu trabalho e sugere a busca de *princípios universais* que seriam encontrados pelo próprio professor, em sua pesquisa, como queria Stenhouse e se baseariam muito mais em suas observações de regularidades vividas nas relações entre fatores e seus efeitos, do que nas “evidências” reclamadas hoje pelo que vem sendo proposto como *evidence based research*, ou pesquisa baseada em evidências. (ELLIOTT 2009 apud LÜDKE; 2012. p. 631)

Afim de chegar a um resultado construtivo, segundo Tripp (2005), a pesquisa-ação é como um tratamento médico, onde a consulta é a pesquisa que busca monitorar para diagnosticar o problema e assim passa a medicação devida para resolver tal problema e o retorno dessa consulta, a avaliação do resultado da medicação passada, bem como o monitoramento da cura, ou seja, resolução do problema. Na pesquisa-ação o ciclo segue a mesma linha.

Figura 1: Representação em quatro fases do ciclo básico da investigação-ação, por Tripp (2005).



TRIPP, David. **Pesquisa-ação**: uma introdução metodológica. Universidade de Murdoch. Educação e Pesquisa, São Paulo, 2005

O pesquisador investiga e ao encontrar o problema planeja a pesquisa para busca de uma solução, executa seu planejamento (ação) e reflete sobre os resultados, antes de fazer um novo planejamento. Avaliando esse resultado, ele busca uma melhora de suas práticas. Nesse contexto a minha pesquisa aconteceu em três fases a partir de um projeto iniciado em 2017, no quarto período do curso de pedagogia, na disciplina de Educação Ambiental, e a cada projeto as práticas foram sendo analisadas, refletidas e melhoradas.

3.3 A vida e cultura das catadoras de mangaba do município de Indiaroba Sergipe.

A primeira fase da pesquisa teve início em 2017, no quarto período de pedagogia, com um projeto pedagógico da disciplina de Educação ambiental, elaborado em coautoria (FONSECA; ARAUJO, 2017). A nossa pesquisa foi sobre a vida e cultura das catadoras de mangaba do município de Indiaroba, Sergipe, especificamente no povoado de Pontal, com o seguinte problema de pesquisa: Quais as dificuldades enfrentadas para o cultivo e preservação das áreas de remanescentes mangabeiras do estado de Sergipe?

Com o problema em mente, fizemos uma pesquisa em Pontal, povoado do município de Indiaroba Sergipe, pois foi o local onde conseguimos contato para realização do projeto. Conhecemos, então, as catadoras de mangaba. O projeto deu origem a um documentário intitulado “Catadoras de mangaba: Tradição e catação” (FONSECA; ARAUJO, 2019a, e também a um cordel intitulado As catadoras de mangaba e a luta pelo reconhecimento (FONSECA; ARAUJO, 2019b) e para tanto realizamos uma entrevista com a líder do grupo, acerca de como o movimento vem crescendo no país, principalmente pela valorização que os estrangeiros dão a árvore e os benefícios que ela pode trazer na área da saúde e também na criação de produtos derivados da fruta; sobre as dificuldades enfrentadas para encontrar a fruta devido ao desmatamento para a construção civil e também por queimadas existentes na área, com isso dificultando a catação e a produção dos produtos derivados da mangaba. Também pudemos ir a campo para a catação da mangaba, conhecer mais sobre o cultivo da árvore, sua safra, bem como histórias populares sobre a mangabeira.

Ao sair da área de conforto de simplesmente fazer uma pesquisa pela internet e resolver ir a campo para se envolver com o tema e conhecer de forma abstrata aquilo que desejei pesquisar, ou seja, a pesquisa-ação, a minha visão de um simples aluno passa a ser de um pesquisador de conhecimento.

3.4. Jovens pesquisadores: conhecendo Aracaju

A segunda fase da pesquisa foi com o projeto realizado em 2018, “Jovens descobridores: conhecendo Aracaju”, das disciplinas: Natureza e sociedade e

Linguagem oral e escrita da educação infantil, aplicado em uma escola da rede estadual de ensino, localizada em Aracaju SE. (FONSECA; ARAUJO, 2019c). Tal pesquisa foi realizada com 12 crianças da educação infantil na faixa etária de 04 a 05 anos. Nesse projeto, o problema de pesquisa foi: Quais as representações das crianças de quatro a seis anos de idade, segundo sua oralidade e desenhos, sobre a história, cultura e curiosidades de Aracaju, capital do estado de Sergipe?

A intervenção foi dividida em duas etapas: de antemão foi feita uma roda de conversa com perguntas sobre o clima, frutas típicas, data do aniversário da cidade, e em qual estado se localizava. Nessa mesma etapa, contamos a história da mudança da capital sergipana utilizando flanelógrafo com figuras que representavam os sujeitos presentes na mudança da capital sergipana. Após a contação, propusemos a recontação da história. Colocamos personagens diferentes para misturar aos que realmente faziam parte da história, para que nós tivéssemos certeza de que aquela história teria sido aprendida e deixamos a critério deles recontar ou não a história,

Na segunda etapa realizamos uma aula passeio em que levamos todos os alunos, que tiveram permissão para sair da escola, para conhecer uma área de remanescentes de mangabeira, localizada no bairro Aruanda, em Aracaju SE. Lá, passamos todos os conhecimentos que pudemos aprender na entrevista que fizemos às catadoras de manga de Pontal povoado de Indiaroba, na fase anterior. Apresentamos também a árvore símbolo do estado de Sergipe que é a mangabeira. Ao retornar à escola propusemos que eles fizessem um desenho do que chamou mais a atenção.

Ter obtido o conhecimento na fase anterior abriu a minha visão para nesta fase poder aprimorar o ensino, bem como dar a oportunidade para que os alunos em questão também tivessem a oportunidade de interagir com o conhecimento e ter um olhar de pesquisador.

3.5 A matéria prima e suas transformações

A terceira fase da pesquisa abrangeu as disciplinas, Fundamentos e métodos do ensino de ciências e Fundamentos e métodos do ensino de geografia e foi realizada em um colégio da rede estadual de ensino, em Aracaju SE, no ano de 2018 com crianças de faixa etária de 9 a 11 anos. A turma era composta por 16

alunos, sendo 11 meninas e 6 meninos. É importante ressaltar que entre estes existiam 6 alunos portadores de necessidades especiais ou transtornos de aprendizagem, dentre estes Transtorno do Espectro Autista (TEA), paralisia cerebral atrelado ao de déficit intelectual, dislexia e o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH).

Nesta etapa foi aplicado o projeto intitulado “A matéria prima e suas transformações”, realizado em coautoria (FONSECA; ARAUJO, 2018). O problema de pesquisa foi: Quais as observações e registros feitos pelas crianças sobre a matéria prima e suas transformações. A pesquisa justificou-se pela extrema importância da iniciação científica de crianças das séries iniciais do ensino fundamental, para que possam ter curiosidade de perguntar, conhecer, pesquisar e atuar como sujeitos de sua própria aprendizagem. No primeiro momento foi realizada uma aula expositiva e dialogada, para mostrar conceitos de: Matéria prima, transformações físicas e químicas da matéria, territorialidade das mangabeiras, preservação do meio ambiente

O professor deve usar uma ferramenta muito importante que é a mediação, nesse sentido passa o conhecimento necessário para o aluno para que ele possa chegar ao objetivo planejado. Segundo Santos, (2015, apud FREIRE 2011, p.218), a aprendizagem não existe sem o ensino, e tão pouco o ensino sem a aprendizagem.

Em seguida, iniciamos a aula passeio, em que mais uma vez fomos fazer uma visita à área de remanescentes de mangabeiras, que fica localizada em Aracaju no bairro Aruanda que coincidentemente fica próximo à escola. Foi solicitado um relatório para ser feito ao fim da aula. Através da aula passeio todos os alunos tiveram a oportunidade de conhecer o ambiente que o cerca de forma real, diferente do que é visto dentro da sala de aula, puderam sentir o clima, observar o solo presente na região, as árvores, como é feita a colheita da mangaba, bem como a cultura das catadoras de mangaba e como elas vivem desse extrativismo. O momento também foi oportuno para que a proprietária do terreno Maria da Silva, pudesse contar como eram realizados o cultivo, a época da safra, e o quão importante era para o movimento preservar aquelas árvores, que dão o sustento a suas famílias.

Ao retornar da aula passeio mostramos alguns derivados da mangaba que já tinham sido transformados e como todas essas árvores típicas da região

atendem as nossas necessidades do dia a dia, dessa forma já incentivando a preservação das mesmas. Logo após, a turma teve a oportunidade de realizar experiências que mostravam os dois tipos de transformações, química e física, e todas essas atividades estavam sendo abordadas ao modo que pudessem ser vistas em seu cotidiano, que pudessem ser feitas em casa, com frutas existentes na região. Deheinzelin, em seu livro “A fome com a vontade de comer”, faz referência a essa questão:

Fazer com as crianças a experiência e em seguida dizer a elas: “bem isso que vocês observaram funciona assim e assado”, invalidaria o que as crianças pensaram a partir de sua observação. Por outro lado, apenas deixar acontecer a experiência pela experiência, não propicia as mudanças conceituais, isto é, os avanços de raciocínio, tornando-se possíveis quando investigamos alguma coisa, fazendo uso de linguagens para organizar nosso pensamento sobre elas. (DEHEINZELIN, 1994, p. 180).

Ou seja, dar a oportunidade de participar ativamente da experiência torna a aula mais rica e interativa. Nesse momento, eles, também foram questionados acerca do que seria cada transformação, se química ou física, desse modo tiveram que raciocinar sobre tudo que já tinha sido trabalhado de conteúdo para que, chegassem à resposta correta, sobre a experiência. Por fim, o relatório solicitado poderia ser oral, escrito ou desenhado e com isso todos puderam ter a oportunidade de relatar o que aprendeu em sua experiência da aula passeio, foi uma forma de incluir independente da limitação.

Um dos objetivos gerais dos PCN’s de Geografia (BRASIL, 1997b) é ensinar o aluno a utilizar procedimentos básicos de observação, descrição, registro, comparação, análise e síntese na coleta e tratamento de informação sejam mediante fontes escritas ou imagéticas. Destacando a construção de relatórios feitos através da linguagem oral, escrita e por desenhos infantis.

4 - ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÕES

A análise de dados foi realizada a partir das observações durante as atividades, dos relatórios, dos desenhos para os que não sabiam escrever e pela gravação do áudio para os que tinham limitações, para que todos pudessem produzir resultados. A pesquisa foi analisada a partir de autores como: Santos (2008), Freitas (2009), Carretero (2010), Vygotsky (1989), Brasil (1997b).

Para a descrição dos dados foram utilizadas as seguintes categorias: A transposição didática dos conhecimentos que era científico e foram passados para os alunos de forma que eles pudessem entender; Conhecimento abstrato formado através da aula passeio, que seria a confirmação do que eles tinham visto na sala; Reconhecimento da sua história através de tudo que foi mostrado e visto construindo dessa forma a sua identidade.

4.1 - Transposição didática de conhecimentos regionais

A transposição dos conhecimentos foi realizada a partir de questionamentos, de forma que, ao realizar a pergunta e obter a resposta, já estaria fazendo uma avaliação diagnóstica do aluno. O questionamento foi realizado a partir de perguntas simples: - Quando é o aniversário da capital de Sergipe (Aracaju)? Qual a árvore símbolo do estado? - Quais frutas típicas aqui do estado?

Apenas um aluno soube responder sobre a data do aniversário da capital, e surpreendeu em dizer até a quantidade de anos, porém, nenhum deles soube responder acerca da árvore símbolo e frutas típicas do estado. Com isso, foi observado que poucos alunos sabiam sobre o estado e até mesmo da cidade, pois em nossas escolas os conhecimentos regionais ainda são escassos, isso se dá devido à forte influência dos livros e da mídia, como afirma Freitas (2009), que o ensino regional nas escolas ainda é falho por conta do não incentivo do mercado na produção de conhecimento do ensino regional nos livros e também por parte dos professores que deveriam ser os próprios pesquisadores.

Antes da realização desses projetos foi realizada uma visita a uma área de remanescentes mangabeira em pontal no município de Indiaroba a fim conhecer o movimento e as catadoras de mangaba.

As catadoras de mangaba são pessoas que buscam manter a cultura do extrativismo da mangaba e a preservação da árvore, a mangabeira, no Estado de Sergipe, árvore esta que é símbolo do estado. A luta em questão é pela preservação do seu espaço de trabalho que vem perdendo território pela necessidade que o turismo trás, até porque a árvore, aqui no estado, nasce em territórios litorâneos, que é a área mais procurada pelo turismo e com isso há uma crescente demanda por espaço.

Por isso, ao verificarem que as mangabeiras, reconhecidas como árvore símbolo do Estado de Sergipe, conforme Decreto Lei nº 12.723 de 20 de Janeiro de 1992, estavam sistematicamente sendo arrancadas pelos projetos imobiliários e de monocultura, ou mortas pelos venenos derramados pelos tanques de carcinicultura, as mulheres reunidas no I Encontro das Catadoras de Mangaba de Sergipe, decidiram levantar sua voz e, com ajuda de pesquisadores e das Quebradeiras de Coco Babaçu do Maranhão (MOTA et al., 2008), realizaram, em 2007, o evento e surgiu o Movimento das Catadoras de Mangaba de Sergipe (MCM). (MELLO, 2017. p.56)

É através desse movimento que as catadoras de mangaba vêm lutando para serem reconhecidas como profissionais e para que recebam o defeso da mangaba, recurso já existente para outros profissionais a exemplo do defeso do caranguejo, já que a árvore só produz a fruta em uma época determinada e nesse meio tempo elas ficam sem ter nenhum recurso financeiro para manter a sua família.

“A mangabeira, *Hancornia speciosa* Gomes, foi instituída como árvore símbolo do Estado de Sergipe por meio do decreto nº. 12.723, de 20 de janeiro de 1992. ” (BRASIL, 1992). A escolha foi feita em um Congresso Nacional de Botânica na cidade de Aracaju em 1992.

A mangabeira (*Hancornia speciosa* Gomes) é uma árvore frutífera de clima tropical, nativa do Brasil e encontrada em várias regiões do País, desde os Tabuleiros Costeiros e Baixadas Litorâneas do Nordeste, onde é mais abundante, até os cerrados das regiões Centro-Oeste, Norte e Sudeste. Apresenta frutos aromáticos, saborosos e nutritivos, com ampla aceitação de mercado, tanto para o consumo *in natura*, quanto para a indústria. Apesar disso, pelo fato da cultura ainda continuar sendo mantida no habitat natural, sua exploração é feita de modo extrativista. As áreas em que se pratica o cultivo tecnificado, são quase inexistentes. Os maiores produtores da fruta são os Estados de Sergipe, Minas Gerais e Bahia, com produções respectivas de 524, 478 e 170 toneladas de mangaba no ano de 2000. ” (SOARES et al, 2004. p.5).

A árvore cresce de 2 a 10 metros e em alguns casos pode chegar a 15 metros. Em todo o litoral do estado de Sergipe a árvore se faz presente, pois ele propicia o *habitat* ideal para o seu crescimento e a produção de seus frutos. O seu fruto é a mangaba, de origem indígena a palavra significa *coisa boa de comer*, assim afirma Soares et al. (p.5).

O fruto do tipo baga é elipsóide ou arredondado, com 2,0 a 6,0 cm, exocarpo amarelo, com manchas avermelhadas, polpa bastante doce, carnosos-viscosa, ácida, contendo geralmente 2 a 15 sementes discóides, com 7 a 8 mm de diâmetro, castanho claras, delgadas e rugosas. O peso de 100 sementes com 50% de umidade é de aproximadamente 18 g.” (SOARES, et al, 2004. p. 6).

A mangaba serve de matéria prima para a produção de diversos produtos como: biscoito, bala, licor, geleia, suco, sorvete, torta, mousse, entre outros. Não só os frutos, mas também toda a árvore tem serventia.

Na busca por mais informações, agora de forma científica, nos apoiamos em Soares et al (2004), que fala sobre a mangabeira, Mello (2017), que fala do Movimento das Catadoras de Mangaba (MCM)

Para tanto nesse projeto a transposição desses conhecimentos foi realizada através da contação da história de Sergipe, de forma que os alunos poderiam interromper e dar alguma contribuição na história. Nesse contexto foi apresentado fatos sobre os sujeitos históricos do estado, a mudança da capital, o movimento das catadoras de mangaba, essas defendem a cultura e preservação do meio ambiente que também faz parte da história do estado.

4.2 - Aula passeio como fonte de conhecimento abstrato

Após obter o conhecimento regional com a análise do marco teórico, iniciou a aula passeio para um conhecimento regional abstrato.

Falas relatadas em vídeo:

A1 - L.G.P.Q - 10 anos - - *Eu não sabia que o pé de mangaba era a árvore de Sergipe, porque eu achava que por causa daquela propaganda que passava era o cajueiro. Eu nunca tinha subido em uma árvore, minha mãe não deixa.* (Propaganda da TV Sergipe em homenagem a Aracaju, eles relacionam ao Estado)

A2 - M.E.S.S - 9 anos - *Eu nunca tinha visto um pé de mangaba, só tinha comido o sorvete.*

Referente aos alunos 1 e 2. A importância de conhecer de onde vem aquilo que chega em sua casa, aquilo que é visto na televisão por muitas vezes de forma superficial, e a resposta pode estar tão perto e as crianças nem conhecem, acabam conhecendo as frutas e as árvores que são de outra região através do desenho e em muitos casos não conhecem as da própria região. Freitas (2009, p. 10, 11), deixa bem claro que a história e cultura de algumas regiões ainda é bem deficiente nos livros didáticos, no entanto também é papel do professor não ficar somente preso aos livros de forma teórica, atividades que mostrem de forma

abstrata as coisas que estão ao redor do aluno também é levar conhecimento regional, isso fica claro na fala do aluno.

A3 - T. K. S. G - 11 anos - - *Eu sempre via aquela mangabeira, mas não sabia o que era, só sabia que tinha muitas.*

Toda a paisagem é modificação do homem e faz parte da nossa identidade regional, e essas informações as vezes são esquecidas por parte não só dos professores, mas também dos pais que são os primeiros educadores, de acordo com Santos (2008), a paisagem pode ser natural, quando não teve alteração do homem, e ela também pode ser artificial quando houve modificação do homem. A aula passeio foi a oportunidade para que os alunos pudessem ver nitidamente esse contraste entre o natural e o artificial, pois a área que visitamos fica localizada dentro da cidade de Aracaju e a modificação da paisagem também é cultura, é história.

A4 - A. C. S. F - 10 anos - - *Eu não sabia que lá na escola também tinha pé de mangaba, porque agora não tem nenhum.*

O terreno ao qual visitamos fica muito próximo do terreno da escola, e ao longo da visita foi dito que todo o bairro era área onde as mangabeiras nasciam, com isso nasceu essa exclamação. Tudo que está ao redor da escola pode ser usado para a construção da identidade da criança, inclusive a história da escola, do terreno da escola, do bairro, tudo é identidade da região, isso fica claro nas palavras de Santos (2008, p. 96 a 98), ao falar que o homem ao longo do tempo vai humanizando a paisagem impondo as suas formas culturais e históricas, construindo uma identidade onde passa.

A5 - M.E.S.S - 11 anos - - *Aquela fruta pode dar (produzir), tanta coisa? Mas eu nunca tinha visto esses biscoitos e nem sabia que tinha leite no pé de mangaba, só tinha visto a mangaba, e sorvete.*

A6 - A. F. C - 9 anos - - *Agora eu “to” sabendo que mangaba existe, e a terra daqui é igual areia da praia, achei que só tinha na praia.*

Referente aos alunos 5 e 6, pudemos ver quanto conhecimento é assimilado e posteriormente acomodado em uma simples visita a um terreno, e tudo tão perto da escola, coisas do cotidiano, coisas que alguns até viam no caminho da escola, mas que não interpretavam como sendo algo tão pertencente da sua história e da sua comunidade e até mesmo como algo que foi modificado pela comunidade ao longo do tempo, e se transformou no que ele vê hoje, assim como afirma BRASIL (1997b, p. 33) quando fala que a criança deve conhecer o passado para entender o

futuro e se enxergar como pertencente daquele meio e como sujeito histórico do mesmo. Também podemos observar como essa aula passeio na região pode ajudar na construção da identidade.

A7 - E.S.C - 11 anos - aluna com paralisia cerebral – resultado verbal

Mônica - você foi com tia Mônica ver a? - Dona Maria

Mônica - lá em dona Maria o que foi que você viu? - Mangabeira

Mônica - E você comeu mangaba? – Sim

Santos (2008, p. 68), explica claramente que o aparelho cognitivo tem um papel fundamental na apreensão de conhecimentos, e que mesmo sendo a mesma paisagem ela é percebida por cada pessoa de forma diferente.

Desse modo cabe ao professor ir além da paisagem e explicar aquilo que por muitas vezes o aluno está vendo de forma deformada e fazer ele entender. Essa aluna tem paralisia cerebral, mas mesmo assim ela conseguiu aprender algo sobre a aula passeio, pode falar também e expressar aquilo que ela entendeu, viu, ouviu, e foi avaliada do jeito certo para a condição dela.

4.3 – Construção da identidade

A seguir estão os relatórios produzidos pelos alunos após a aula passeio na área de remanescentes mangabeiras. Os relatos feitos pelos alunos devem ser considerados como novos conhecimentos que eles puderam agregar a sua vida, a sua identidade, porque são partes da sua cultura e da história construída pelos sujeitos históricos da sua região.

O projeto teve caráter interdisciplinar, pois foi realizado para as disciplinas de Fundamentos e Métodos do Ensino de Ciências e Fundamentos e Métodos do Ensino de Geografia, nele foi abordado temas ligados a transformação da matéria prima na disciplina de Geografia e sobre o meio ambiente e as frutas típicas do estado de Sergipe na disciplina de Ciências.

Portanto nos relatórios os alunos falam da experiência que foi realizada em sala sobre a transformação da matéria prima, experiência da aula passeio bem como da paisagem que eles encontraram, essa expressada por meio de desenhos em alguns relatórios.

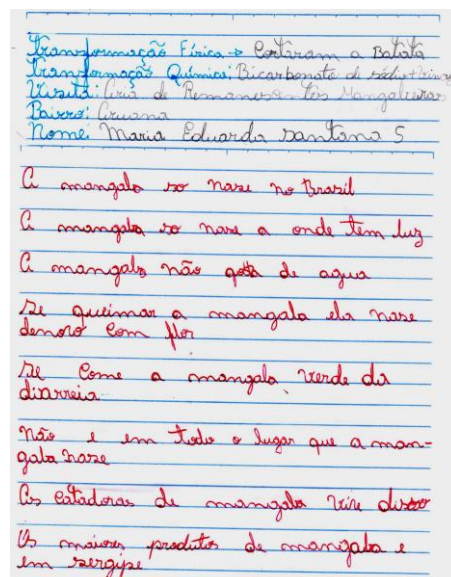
A seguir figuras: 1, 2, 3, 4, 5 e 6.

Figura 1: Experiência do passeio



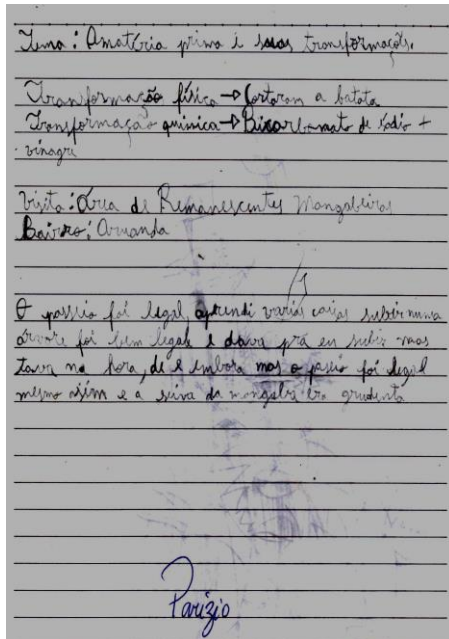
Fonte: FONSECA; ARAUJO (2018)

Figura 2: Onde nasce a mangaba



Fonte: FONSECA; ARAUJO (2018)

Figura 3: Subindo na árvore



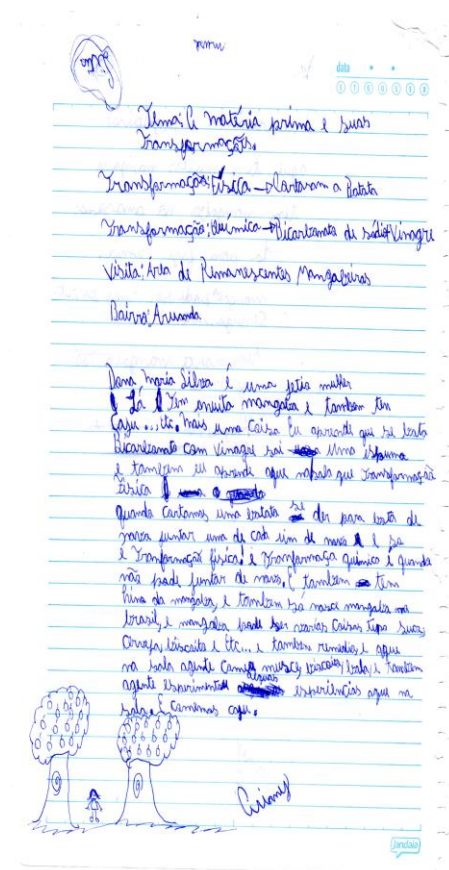
Fonte: FONSECA; ARAUJO (2018)

Tema: matéria prima e suas transformações**Transformação física:** cortaram a batata**Transformação química:** bicarbonato de sódio mais vinagre**Visita:** área de remanescentes mangabeiras**Bairro:** Aruanda

O passeio foi legal aprendi várias coisas, subi numa árvore, foi legal e dava para eu subir, mas estava na hora de ir embora, mas o passeio foi legal mesmo assim e a seiva da mangaba é grudenta.

P.

Figura 4: Derivados da mangaba

**Tema:** A matéria prima e suas transformações**Transformação física:** cortaram a batata**Transformação química:** bicarbonato de sódio/vinagre**Visita:** área de remanescentes mangabeiras**Bairro:** Aruanda

Dona Maria Silva é uma gentil mulher, lá tem muita mangaba e também tem caju, etc., mas uma coisa eu aprendi que se botar bicarbonato com vinagre sai uma espuma, e também eu aprendi aqui na sala que transformação física quando cortamos uma batata, se der para juntar uma de cada um de novo essa é transformação física. (Mesmo cortada a batata continua sendo batata, tendo ocorrido apenas transformação física). E transformação química é quando não pode juntar de novo. (Quando a matéria não continua sendo a mesma houve uma transformação química, ou seja, a transformação não pode ser revertida). E também tem o hino da mangaba, e mangaba só nasce mangaba no Brasil, e mangaba pode fazer várias coisas tipo suco, cerveja, biscoito, etc., e também remédios. E que na sala a gente comeu mousse, biscoitos, bala e também a gente experimentou algumas experiências aqui na sala e comemos caju.

Fonte: FONSECA; ARAUJO (2018)

Figura 5: A árvore símbolo do estado de Sergipe



Fonte: FONSECA; ARAUJO (2018)

Figura 6: Sergipe maior produtor de manga



Fonte: FONSECA; ARAUJO (2018)

Reconhecer o papel da sua região e a importância da mesma é primordial para a construção da identidade, pois o aluno passa a ter conhecimento do meio em que vive assim como defende Vygotsky (1989, p. 24), ao falar que a criança desenvolve a sua identidade através de conhecimento passados pelos sujeitos históricos e as coisas que estão ao seu redor, ou seja, interação social e interação com o meio.

É evidente nos relatórios das figuras: 1, 2, 4, 5, e 6, quando os alunos falam do que representa a mangabeira para o estado de Sergipe, e que agora é algo pertencente a sua identidade, porque tudo que foi visto e apresentado a eles faz parte da história de Sergipe e está bem próximo da escola.

Alguns deles destacam também os produtos derivados da mangabeira que é a árvore símbolo do estado de Sergipe. Outros destacam o trabalho que dona Maria realiza na área de remanescentes mangabeiras que não deixa de ser um sujeito histórico para a construção da identidade, pois há 60 anos a família luta pela preservação do terreno que de certa forma também preserva a cultura e conhecimento regional existente em meio a cidade de Aracaju.

No relatório da figura 3, o aluno fala de algo que para ele foi muito importante que foi subir em uma árvore, algo que parece simples para muitos, mas para este aluno não foi, pois, a experiência parece ter sido algo surpreendente para ele, e agora faz parte da sua identidade porque aquela paisagem foi modificada pelo homem através do tempo ao ponto de ele não ter tido até aquele momento a oportunidade de subir em uma árvore.

Portanto, essa paisagem é cultura e por conseguinte conhecimento regional, e Santos (2008, p.78), complementa que a relação social só é possível através da materialidade e a paisagem é materialidade ela é um retrato da sociedade naquele momento.

Nos relatórios também observamos que a forma como cada aluno assimila o que foi discutido é diferente, o conhecimento foi o mesmo para todos, mas cada um constrói a sua identidade de forma diferente, e na forma como cada um relata podemos ver isso, pois nem todos os alunos fizeram esse relatório de forma escrita, os que não podiam fazer escrito faziam de forma oralmente e essa foi a forma mais adequada para que todos pudessem mostrar o que aprendeu sobre a sua região e quando falo disso me apoio em Carretero (2010, p.197, 198), que

explica que na escola diversas estratégias de mostrar o passado, a cultura e a história são moldadas de acordo com a subjetividade de cada aluno.

Desse modo, o professor em suas práticas tem um papel importantíssimo para que esses conhecimentos sejam passados, pois ele é quem vai buscar formas para que o aluno entenda e construa a sua identidade.

5. CONCLUSÃO

Com isso concluo que é nítida a importância do ensino regional para a construção da identidade de crianças do ensino Fundamental I, para que possam se sentir sujeitos históricos que irão construir o futuro e ao olharem para a sua história e o ambiente ao seu redor saber quem são e o que construiu o seu eu.

Conforme observado, a aula passeio em visita a área de remanescentes mangabeiras foi uma forma diferente de mostrar uma parte da identidade sergipana para alunos, pois, Sergipe é o maior produtor de mangaba do Brasil, porém na maioria das vezes não identificamos como tal, parece não fazer parte da nossa identidade e essa visita proporcionou mostrar de forma abstrata aquilo que foi trabalhado em sala, dando a oportunidade para todos os alunos aprenderem, pois sabemos que cada sujeito aprende de forma diferente e nessa tarefa o professor tem um papel primordial de mediar esse conhecimento e buscar práticas que possam levar o aluno a entender.

O tema pode ser trabalhado não só com o ensino Fundamental I, mas é indicado para todos os anos de ensino, isso porque ao apresentarmos os projetos citados na faculdade (Projetos construídos em consonância com a minha dupla de trabalho Monica de Farias Bispo Fonseca) a primeira pergunta que fazíamos era qual a árvore símbolo do Estado de Sergipe, uma pergunta relativamente simples, mas que diz muita coisa, e a resposta era unanime dizendo que seria o cajueiro, e foram nesses momentos que percebi a ausência de identidade, e a ausência de ensino regional, isso no ensino superior onde as pessoas já construíram a sua identidade.

Por isso, ressalto a importância de construir essa identidade regional nos anos iniciais, para que o aluno já cresça sabendo da sua história, de quem ele é, para que desse modo possa também respeitar outras culturas, outras identidades, outros modos de viver, mas para os outros anos de ensino. O trabalho também

realizado através da pesquisa-ação proporcionou uma reflexão por meio dos estudos anteriores, para que pudessem ser melhorados nos próximos estudos, trazendo resultados positivos para esta pesquisa.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Rócio Stefson Neiva. A Identidade Nacional na Era da Globalização. **Cadernos de relações internacionais**, PUCRio v. 2, n. 2, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010. 36 p.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Ciências naturais**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC-SEF, 1997a. 166p. 1. Parâmetros curriculares nacionais, 2. Ciências naturais: ensino da primeira à quarta série.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: geografia** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 1997b. 166p.;1. Parâmetros curriculares nacionais. 2. História: Ensino de primeira à quarta série. I. 3 Geografia: Ensino de primeira à quarta série. I. Título.

BRASIL. **Decreto nº 12.723**, de 20 de janeiro de 1992. Institui a Mangabeira, como Árvore Símbolo do Estado de Sergipe, e dá providências correlatas. Governo do Estado de Sergipe. Publicado no DOE, Aracaju, 1992.

CARRETERO, Mario. **Documentos de identidade: A construção da memória histórica em um mundo globalizado** / Mario Carretero; tradução: Carlos Henrique Lucas Lima; Revisão técnica: Paulo Fagundes Visentini. Porto alegre: Artmed, 2010. 309 p.

CERQUEIRA, Thiago Silva. A construção da identidade sergipana como resultado do complexo de vira-latas das elites do início do século XX. In: XV Encontro Regional de História da ANPUH-RIO. **Anais eletrônicos...** São Gonçalo, 2012. (Documento sem paginação) Disponível em: https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwitqtWA8KziAhVplbkGHe8yCD8QFjAAeqQIABAC&url=http%3A%2F%2Fwww.encontro2012.rj.anpuh.org%2Fresources%2Fanais%2F15%2F1338497435_ARQUIVO_Artigofinalizado.pdf&usq=AOvVaw19GLYDP_G3SjGcDPu_JyyL Acesso em: 21/05/2019 as 13:32.

DEHEINZELIN, Monique. **A fome e a vontade de comer: uma proposta curricular de educação infantil**/ Monique Deheinzelin; Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

ELIAS, Marisa Del Cioppo. **Pedagogia Freinet: Teoria e pratica**/ Marisa Del Cioppo Elias (org.). Campinas, SP: Papirus, 1996.

FONSECA, Monica de Farias Bispo. ARAUJO, Leonardo Xavier. Cordel. As catadoras de mangaba e a luta pelo reconhecimento. In: I Encontro literário. 27.9.2019b, Aracaju. **Anais eletrônicos**. Faculdade Amadeus, Aracaju, No prelo.

FONSECA, Monica de Farias Bispo. ARAUJO, Leonardo Xavier. **Documentário catadoras de mangaba**. 2019a. (34m59s). Disponível em: <<https://youtu.be/RZZnDOzFEAk>>. Acesso em: 13 nov.

FONSECA, Monica de Farias Bispo. ARAUJO, Leonardo Xavier. Projeto pedagógico. **A matéria prima e suas transformações**. Faculdade Amadeus, 2018.

FONSECA, Monica de Farias Bispo. ARAUJO, Leonardo Xavier. Relatório. **A tradição e a cultura das catadoras de mangaba do povoado Pontal, município de Indiaroba, Sergipe**. Faculdade Amadeus. Aracaju, 2017.

FONSECA, Monica de Farias Bispo. ARAUJO, Leonardo Xavier. Projeto pedagógico Jovens pesquisadores: Conhecendo Aracaju. **V Encontro científico multidisciplinar**. Faculdade Amadeus. Aracaju, 2019c. No prelo

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia saberes necessários á pratica docente**. São Paulo: Paz e terra, 2011. p. 24, 30, 32.

FREITAS, Itamar. **História regional para a escolarização básica no Brasil: o livro didático em questão (2006/2009) / Itamar Freitas (org.)**. - São Cristóvão: Editora UFS, 2009. 244p.

FREINET, Celestin. **Pedagogia do Bom Senso**. Tradução: J. Baptista. São Paulo: Martins Fontes, 1996

LÜDKE, Menga. Desafios para a pesquisa em formação de professores. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 12, n. 37, p. 629-646, set. /dez. 2012

MELLO, Janaina Cardoso de. **Marcas e Propriedades Intelectual das Catadoras de Mangaba (SE)**: Turismo de Base Comunitária, Economia Criativa e INPI. PIDCC, Aracaju, Ano VI, Volume 11 nº 03, p.043 a 067. 2017

SANTOS, Cleidilene Jesus Souza. et al. Ensino de Ciências: novas abordagens metodológicas para o ensino fundamental. **Revista Monografias Ambientais**. REMOA, v.14, Ed. Especial UFMT, 2015, p. 217-227.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia / Miltom Santos; em colaboração com Denise Elias. 6. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SOARES, Fernanda Pereira; et al. Cultura da mangabeira (*Hancornia speciosa Gomes*). **Boletim Agropecuário da Universidade de Lavras** 67:1-12. Lavras, MG. Editora UFLA, 2004.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set. /dez. 2005.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva, 1928. **Introdução a pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. Augusto Nivaldo Silva Trivinos. 1. Ed. 22. Reimpr. São Paulo: Atlas, 2013.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.191 p.